

As centrais de abastecimento alimentar: agentes mistos dos circuitos da economia urbana

Thiago Augusto Nogueira de Queiroz¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo mostrar que as centrais de abastecimento alimentar se constituem como agentes mistos dos circuitos da economia urbana. Pois, estas centrais são constituídas e têm relações intrínsecas com o circuito superior e o circuito inferior, se caracterizando como formas híbridas. Para atingir o objetivo fez-se uma pesquisa bibliográfica, sobre o papel dos intermediários na economia urbana, e uma observação cotidiana, na Ceasa-RN. Os resultados mostraram que as centrais mantêm relações hierárquicas, homólogas e complementares com os circuitos da economia urbana, um agente misto dos circuitos, uma instituição formada pela simultaneidade do circuito superior e do circuito inferior, uma infra-estrutura de conflitos e interesses econômicos e políticos de diversos agentes.

Palavras chave: centrais de abastecimento, agentes mistos, circuitos da economia urbana.

Abstract

This article is a part of the results of a dissertation, and aims to show that the centrals of food supply are constituted for mixed agents of the circuits of urban economy, constituted and related with the upper circuit and lower circuit, having hybrid characteristics too. To achieve the aim, was made a literature search on the role of intermediaries in the urban economy, and a daily work of observation in Ceasa-RN. The results showed that the centrals of supply maintains hierarchical, homologous and complementary relations with the circuits of the urban economy, being a mixed agent of the circuits, an institution formed by the simultaneity of the upper circuit and lower circuit, an infrastructure of the interests political and economical of various agents.

Keywords: centrals of supply, mixed agents, circuits of urban economy.

¹Professor de Geografia do IFRN. Mestre em Geografia pela UFRN. E-mail: queiroztan@gmail.com

Introdução

Os dois circuitos são dois subsistemas de um único sistema urbano, ou seja, os dois circuitos não reproduzem um dualismo, e sim são conseqüência de uma bipolarização, frutos do processo de modernização do atual período técnico-científico-informacional (SANTOS, 1979).

Assim, o circuito superior, o circuito dito moderno, é um resultado direto da modernização tecnológica, com atividades em que predominam as relações externas ao lugar, à região, ao território, monopolizando e oligopolizando essas diferentes escalas do mercado, sendo um circuito formado pelo agronegócio, pelas grandes empresas mineradoras, pelas grandes indústrias, pelas grandes firmas da construção civil, pelas transportadoras logísticas, e pelo novo terciário, formado pelos comércios modernos e os serviços de média e alta complexidade.

O circuito inferior, denominado vulgarmente de “tradicional”, é um resultado indireto da modernização tecnológica, com atividades em que predominam as relações internas ao lugar, à região, e ao território, de pequenas dimensões e voltadas aos interesses da população, em especial ao dos mais pobres, como a agricultura urbana familiar, as pequenas facções industriais, a produção artesanal, e o terciário “tradicional”, como as feiras livres, os mercados públicos, os camelôs, os ambulantes, o barbeiro, o alfaiate, os entregadores ou fretistas de mercadorias etc..

Oliveira (2003) coloca que as abordagens dualistas opõem as atividades econômicas “modernas” com as atividades econômicas “tradicionais”, sendo estas um obstáculo ao desenvolvimento daquelas. O autor coloca, no mesmo sentido proposto por Milton Santos, que há, na verdade, uma dialética e não um dualismo, e que o desenvolvimento desigual e combinado de ambos os circuitos faz parte da especificidade da formação sócio-espacial brasileira.

Por fim, aumentar a pobreza e as atividades econômicas associadas ao circuito inferior da economia urbana, faz parte do processo de acumulação (reprodução e circulação) do capital, ou seja, faz parte da própria modernização da globalização econômica, que permite aumentar o exército industrial de reserva e a taxa de exploração do trabalhador.

Este artigo tem como objetivo mostrar que as centrais de abastecimento alimentar, as ceasas, se constituem também enquanto agentes mistos dos circuitos da economia urbana, a partir do estudo de caso da Ceasa-RN. Partimos da hipótese que para além das

relações com circuito superior e com o circuito inferior da economia urbana, estas centraissão constituídas pelos dois circuitos e se caracterizam por uma forma híbrida.

Esse objetivo torna-se importante na medida em que se demonstrará a participação de grandes, médias e pequenas empresas, pequenos produtores e atravessadores no comércio realizado nessa central de abastecimento, mostrando os benefícios que ela proporciona a algumas firmas e a algumas pessoas, inserindo essa instituição em ambos os circuitos da economia urbana. Também serão considerados os interesses políticos em torno desse entreposto e as transformações culturais, principalmente do hábito alimentar ocasionado em grande medida por sua existência.

Considerando-se as características dos circuitos da economia urbana, o caminho percorrido para atingir o objetivo deste artigo constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica como documentação indireta e de uma observação como documentação direta. A pesquisa bibliográfica se valeu de elementos teóricos sobre os circuitos da economia urbana, em especial o papel dos intermediários nesses circuitos no atual período técnico-científico-informacional, a saber: Montenegro (2011), Oliveira (2003), Santos (1979, 1996, 2000), Santos & Silveira (2001), Xavier (2009, 2011).

O procedimento de observação é uma técnica de coleta de dados e de informações que se utiliza dos sentidos para detectar os aspectos da realidade. Primeiramente consiste em ver, ouvir, cheirar, degustar a realidade aparente, que posteriormente deve ser descrita, e depois analisada para além da aparência, buscando a sua essência.

Esta técnica é utilizada principalmente pelos antropólogos, mas que servem também para subsidiar a pesquisa em outros campos do conhecimento, como a Geografia. A observação ajuda ao pesquisador identificar a essência dos fenômenos sobre o qual os sujeitos que dele participa, muitas vezes, não tem consciência, estabelecendo suas relações apenas com o aparente. Tal procedimento obriga o investigador a ter um contato mais direto com a realidade. Essa observação foi acrescentada do registro fotográfico, no qual serviu para retratar as paisagens da Ceasa-RN ao longo deste artigo.

A observação se caracterizou por ser sistemática ou estruturada, pois foi planejado anteriormente quais os aspectos que seriam observados, a saber: a origem dos caminhões de caminhoneiros ou de transportadoras, a dinâmica sócio-espacial das principais firmas que fazem parte da Ceasa-RN e as principais empresas que fornecem para os supermercados e hipermercados, o cotidiano dos permissionários pessoa física (atravessadores e pequenos produtores).

Esse procedimento também se caracterizou por ser não participante, pois o pesquisador entrou em contato com o objeto, sem integrar-se a ele, permanecendo com o olhar “de fora”. Outra característica dessa observação foi seu caráter individual, realizada

apenas por um único pesquisador, que infere fatos da realidade com alguns limites de controle o que pode ter provocado distorções, porém, teve uma maior objetividade na anotação e interpretação dos fatos.

Por fim, a observação foi feita no ambiente real, registrando os dados ocorridos de forma espontânea, antagônica às observações controladas pelo pesquisador, que são realizadas em laboratório. Com os resultados da observação, juntamente com as leituras bibliográficas e alguns dados adquiridos na Ceasa-RN, foram elaborados um Quadro e uma Figura que sintetizam as análises do presente estudo. Além disso, as observações serviram para o registro fotográfico do cotidiano da central de abastecimento do RN, destacando aspectos distintos da realidade enfocada.

As centrais de abastecimento como agentes mistos dos circuitos da economia urbana

Santos (1979) afirma que o circuito superior é formado por atividades “puras”, “impuras” e “mistas”. As indústrias modernas, as construtoras e os comércios e serviços modernos compõem o circuito superior “puro”, pois estão relacionadas diretamente com a cidade. As atividades de indústria, de construção civil e de comércio e serviços voltados exclusivamente para exportação, formam o circuito superior “impuro”. Por fim, o circuito superior “misto” é formado pelos intermediários (atacadistas, transportadoras, distribuidoras e operadores logísticos), pois esses elementos se relacionam tanto com o circuito superior quanto com o circuito inferior.

Ainda sobre as divisões do circuito superior, existe o circuito superior marginal, restrito às atividades de produção *stricto sensu* ou a produção propriamente dita. Estas são caracterizadas por atividades produtivas menos modernas organizacionalmente e tecnologicamente, que pode ser emergente, quando estão em processo de modernização, e pode ser residual, quando não conseguem modernizar-se de acordo com o avanço tecnológico imposto pelo período, assim tendem sempre a sair do circuito superior. O circuito superior em sua totalidade (“puro”, “impuro”, “misto” e “marginal”) utiliza a cidade como recurso.

De acordo com Santos (1979), dois fatores fazem com que se desenvolvam as atividades de intermediários, a saber: a exigência que o circuito superior tem para aumentar e acelerar a produtividade, a distribuição e o consumo dos seus produtos, tornando os intermediários facilitadores dessa circulação; e a dependência do circuito inferior desses intermediários como base condicional da existência, pois quanto mais pobre o indivíduo mais ele depende dos intermediários para se abastecer, como é o caso das feiras livres, dos feirantes em Natal (Azevedo & Queiroz, 2013; Queiroz & Azevedo, 2012; Queiroz, 2011).

Além disso, os intermediários, muitas vezes, tem uma capacidade de armazenamento maior que a dos agentes desse circuito não moderno. Santos (1979) mostra, também, que a modernização provoca uma mudança no papel dos intermediários. Inicialmente, estes agentes eram importadores e exportadores, posteriormente, com a intensificação da urbanização também passam a coletar transportar e distribuir produtos alimentícios, na medida em que os comerciantes, muitas vezes, não têm condições econômicas, nem condições de transporte para ter acesso direto ao produtor.

Como o referido autor coloca as relações diretas entre o produtor rural e o consumidor urbano, em relação à produção e circulação agro alimentar, tendem a diminuir e até desaparecer com o processo de urbanização, aumentando o número de atravessadores. Essa tendência torna-se mais intensa devido à modernização dos transportes, no qual os produtores com pouco capital não têm acesso ou não podem comprar tais meios de circulação.

A Ceasa-RN, assim como todas as centrais de abastecimento do Brasil, classifica-se, de acordo com o proposto por Santos (1979), como um elemento do circuito superior "misto", mais precisamente um intermediário, ou seja, aquele agente que estabelece uma relação de fluxos entre o circuito superior e o inferior e vice versa. A Ceasa-RN, portanto, funciona como um intermediário, ou melhor, um conjunto de intermediários, um conjunto de firmas atacadistas e de atravessadores de hortifrutigranjeiros.

Um dos objetivos da criação das centrais de abastecimento no Brasil era a eliminação dos atravessadores entre a produção e o consumo, mas, ao contrário, as centrais fortaleceram o papel dos atravessadores, pois, os próprios entrepostos de abastecimento, por si só, já funcionam como uma instituição formada por intermediários, entre eles, os atravessadores.

No caso, essas instituições deveriam proporcionar a participação da agricultura não capitalizada, das cooperativas, das associações diretamente no comércio de hortifrutigranjeiros, e no contato direto com o consumidor. Mas, o modelo de modernização dos transportes e das comunicações e a ineficácia de políticas, historicamente retratada no país, que incentivassem o desenvolvimento da agricultura com baixo capital, fizeram com que esses produtores descapitalizados se distanciassem das centrais de abastecimento, como ocorreu no Rio Grande do Norte. Tal fato evidencia-se na Central de Abastecimento da Agricultura Familiar, anexo à Ceasa-RN, que foi criada em 2010 e até hoje não entrou em funcionamento.

Nesse sentido, as centrais de abastecimento são instituições formadas por um conjunto de firmas e funcionam como intermediários nos circuitos da economia urbana. Assim, os intermediários agem como um elo entre a demanda e a oferta (Santos, 1979),

logo, esses agentes tornam-se estratégicos no abastecimento agro alimentar, no controle dos preços das mercadorias, assim como, na especulação.

No caso do Brasil, esses preços são definidos em grande medida, a partir da Ceagesp, que se constitui na maior central de abastecimento do país (Oliveira, 1996). Devido ao um grande controle da distribuição e do preço exercido pelas centrais, observa-se que em muitos casos os supermercados e hipermercados buscam seus produtos fora do sistema Ceasa, como por exemplo, os hipermercados na cidade de Natal que já tem um percentual considerável de produtos alimentícios comprados direto do produtor e não por intermédio da Ceasa-RN.

Assim, essas grandes firmas, que possuem capital e relativo acesso ao transporte, conseguem comprar diretamente do produtor. Ao contrário, os agentes do circuito inferior, como os feirantes, não possuem o capital necessário, nem a técnica de transporte, o que provoca uma maior dependência desse grupo social para com os intermediários, em especial os atravessadores e os fretistas. A Figura 02 mostra o esquema de relações entre os elementos dos circuitos da economia urbana, criado por Santos (1979).

O esquema da Figura 01 mostra que os intermediários (transportadores, atacadistas) estão no topo do circuito inferior e na base do circuito superior. Entre si, os transportadores e atacadistas possuem uma relação de complementaridade mútua ou recíproca. Essa relação recíproca ocorre entre esses intermediários e o comércio não moderno (feiras livres, mercadinhos, quitandas, camelôs, mercados públicos etc.), no entanto, em alguns casos, os transportadores têm uma relação de complementaridade com o comércio não moderno, e os atacadistas, uma relação hierárquica com esse comércio dito “tradicional”.

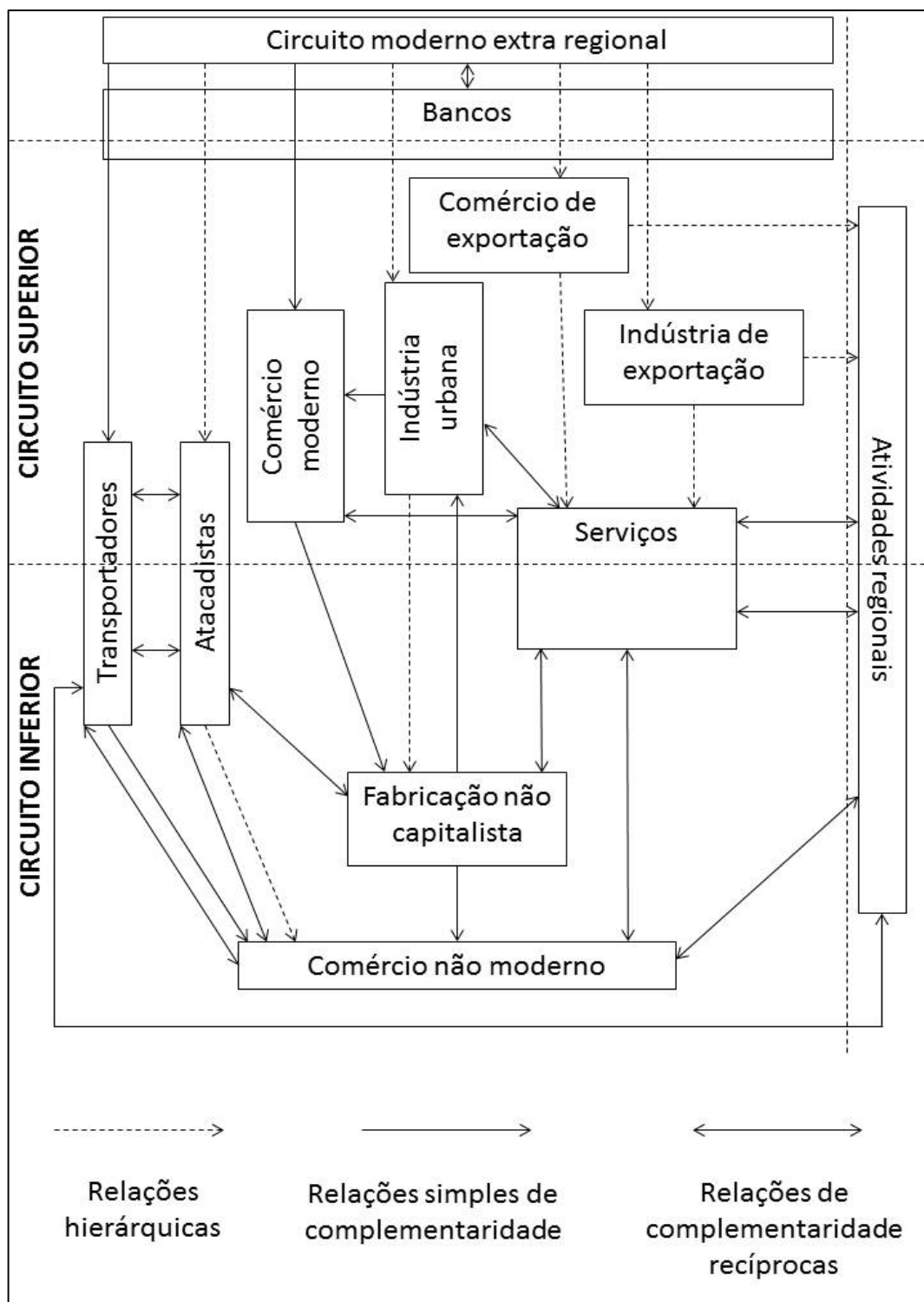


Figura 01 – As relações entre os elementos dos circuitos da economia urbana.
Fonte: Santos (1979)

Os atacadistas mantêm uma relação de reciprocidade com a indústria não moderna (facções, artesanatos, manufaturas etc.), e as transportadoras mantêm esse tipo de relação com as atividades regionais. Por fim, as transportadoras recebem uma relação de complementaridade do circuito moderno extrarregional e dos bancos; enquanto os atacadistas recebem uma relação hierárquica desses mesmos elementos.

A tese de Xavier (2009) traz uma importante contribuição sobre os circuitos da economia urbana, focando a importância do intermediário, em especial os atacadistas. O autor mostra o crescimento quantitativo e as diferenciações qualitativas desses agentes nos últimos 20 anos.

Para Xavier (2009), os atacadistas não podem ser mais vistos apenas como intermediários entre o produtor e o consumidor, pois são também prestadores de serviços, agregadores de valor, contribuindo para a racionalidade não só do circuito superior, como também para a eficácia do circuito inferior, viabilizando a expansão do consumo.

A cooperação estabelecida entre as empresas atacadistas distribuidoras e o circuito inferior envolve os serviços logísticos, a oferta de crédito, a profissionalização do varejo, agindo também nos pontos de venda, enquanto em relação ao circuito superior a cooperação é feita com as indústrias e agronegócios, na logística de distribuição, e no levantamento de dados sobre o comportamento do consumidor relacionado aos produtos comercializados.

Xavier (2010) mostra que há duas formas de se classificar as atividades atacadistas: 1) segundo suas operações; e 2) segundo o nível de capital, tecnologia e alcance territorial. A partir dessas possibilidades de classificação, distinguem-se as centrais de abastecimento das demais firmas atacadistas, por exemplo, do Makro, do Atacadão, do Sam's Club, e do Super Fácil.

Duas ressalvas devem ser feitas. Primeira ressalva, todo distribuidor é atacadista, mas nem todo atacadista é distribuidor. Pois, o distribuidor se constitui em uma firma que comercializa no atacado produtos de uma determinada empresa ou conjunto de empresas, de forma fixa e contratual. Assim, esses supermercados são atacadistas, na medida em que não são distribuidores específicos de uma determinada e exclusiva marca, esses agentes distribuem no atacado as mercadorias de variadas empresas, sem contrato fixo. Segunda ressalva, a Ceasa-RN não é um atacadista, e sim, uma infraestrutura, uma instituição formada por diversos atacadistas, sendo estes, em sua maioria, de produtos hortifrutigranjeiros.

Neste caso, as centrais de abastecimento no Brasil, e em especial a Ceasa-RN, podem ser classificadas de acordo com suas operações enquanto um conjunto de comércios atacadistas de alimentos, especificamente de hortifrutigranjeiros. Nesse sentido,

a central de abastecimento do RN, e de outros estados federados brasileiros, é caracterizada também enquanto uma infra-estrutura formada pela simultaneidade de empresas: de atendimento no balcão, como no varejo tradicional, sem o acesso direto do cliente ao produto; de autosserviço, com produtos em gôndolas com acesso direto do cliente, para o consumo no varejo; e de entrega, atendendo a diversos estabelecimentos do varejo e também do atacado.

O entreposto de abastecimento do RN também pode ser classificado enquanto uma empresa generalista de entrega e de balcão, ao mesmo tempo distribuindo hortifrutigranjeiros diversificados para empresas varejistas diferentes, e comercializando para os consumidores que visitam os atacadistas dessa infra-estrutura. Assim, as centrais se diferenciam dos supermercados atacadistas na medida em que estes últimos se classificam como comércio atacadista de produtos em geral, para além dos hortifrúteis, constituindo-se em firmas do tipo *Cash & Carry*, ou seja, atacado de autosserviço.

Em relação ao capital, tecnologia e alcance espacial, os atacadistas podem ser classificados, segundo Xavier (2009) em: macrocircuito, mesocircuito e microcircuito. O macrocircuito de atacadistas se caracteriza por empresas que tem um alcance nacional ou em mais de uma região brasileira, adotando sistemas informatizados em várias operações, diversificando suas atividades para o setor de serviços e, às vezes, criam marcas próprias. O mesocircuito de atacadistas tem as mesmas características do macrocircuito, mas com um grau menor de capital e tecnologia, tendo seu alcance espacial restrito a alguns estados federados nacionais ou a alguns municípios.

As empresas do microcircuito atacadista são empresas menos modernas e pouco capitalizadas, que não chegam a formar redes como as empresas do macro e mesocircuitos, e têm o alcance de suas ações apenas na dimensão local de um município. Mas, estas empresas não podem ser confundidas como pertencentes ao circuito inferior da economia urbana, pois seu volume de negócios no circuito inferior e a busca constante por pequenas vantagens tecnológicas o caracterizam como uma empresa do circuito superior.

Se considerarmos as centrais de abastecimento em sua totalidade, o sistema das Ceasas como um todo, verifica-se esses entrepostos pertencentes ao macrocircuito de atacadistas, com alcance nacional, e até internacional em relação há alguns produtos, com sistema informatizado e com diferentes serviços prestados no atacado e no varejo.

No entanto, considerando a particularidade de cada central de abastecimento, essa classificação é mutável. Por exemplo, a Ceasa-RN tem uma abrangência fortemente local, em menor medida regional e até nacional na obtenção de alguns hortifrúteis, ou seja, pertencente ao macrocircuito no seu próprio abastecimento. Porém, em relação ao papel de atacadista distribuidor, a Ceasa-RN tem seu papel praticamente restrito ao estado do Rio

Grande do Norte, e mais fortemente concentrado na Região Metropolitana de Natal, podendo ser classificado dentro de um microcircuito.

Mas, ao verificar que essa central tem um relativo avanço tecnológico e um capital elevado em algumas empresas que a compõem, esta já poderia ser considerada de um mesocircuito. Nesse contexto, considerar-se-á a Ceasa-RN como uma infra-estrutura que faz parte de um sistema maior, interconectado através dos fluxos de informação com as demais centrais do Brasil, formando uma rede de centrais de abastecimento.

Nessa perspectiva geográfica, as centrais de abastecimento, incluindo assim a Ceasa-RN, podem ser caracterizadas como um agente atacadista do macrocircuito. Os supermercados atacadistas também são, em sua maioria, pelo menos todos os existentes em Natal-RN, pertencentes ao macrocircuito.

Observa-se que essas classificações são limitadas. São importantes na medida em que consideram as funções e as operações realizadas, no entanto, negligenciam a dimensão espacial desses agentes. A classificação proposta por Xavier (2009) traz uma importante contribuição para enfatizar a dimensão geográfica, ao lado do capital e da técnica, no entanto, ainda demonstra limitações, principalmente quando se leva em consideração as centrais de abastecimento.

Assim, há uma necessidade de se acrescentar uma tipologia específica para as centrais, que se constituem em instituições formadas por firmas que possuem diferentes operações, diversos níveis de capital e tecnologia utilizada, e com diferentes escalas de atuação. Essa é o primeiro fator que caracteriza a Ceasa-RN e as centrais de abastecimento enquanto “agente misto” dos circuitos da economia urbana. A Ceasa-RN também não segue aquelas características dos circuitos da economia urbana elencadas por Santos (1979), sendo o segundo fator que evidencia esses elementos como um agente misto dos circuitos da economia urbana.

Algumas empresas dos entrepostos de abastecimento do RN utilizam capital intensivo, como a Uvifrios, que teve sua primeira loja criada no entreposto de abastecimento do RN, em 1999, e posteriormente formou uma rede atacadista de hortifrutigranjeiros, com filiais no município de Parnamirim, na Região Metropolitana de Natal, no município de Mossoró-RN, e por último na Zona Norte da cidade de Natal. No entanto, esta firma – sede e filiais – faliu no ano de 2013, no período de realização de nossa pesquisa.

Em termos tecnológicos, também há a empresa GJ de Medeiros, que utiliza alta tecnologia como uma máquina que separa as maçãs de alta e baixa qualidade, entre outros hortifrúteis comercializados por esta empresa. Observou-se que a GJ de Medeiros, o Paraíso das Bananas e a Casa do Milho são as principais empresas que fornecem para os hipermercados e supermercados de Natal, devido principalmente à capacidade tecnológica

de seleção e armazenamento de produtos (Foto 01), e de atender o padrão de qualidade exigido pelas firmas do circuito superior.



Foto 01 – Fachada das empresas Paraíso das Bananas e G.J. de Medeiros. Foto: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz, dezembro de 2013.

Ao mesmo tempo em que a Ceasa-RN, assim como as demais centrais de abastecimento, são constituídas por empresas que utilizam alto nível de tecnologia, organização administrativa e capital, há também aqueles pequenos produtores e atravessadores, os permissionários de pessoa física, que utilizam baixo grau de tecnologia e capital.

A partir das observações em campo, criou-se o Quadro 01. Nesse sentido, observa-se que a Ceasa-RN é formada por empresas de grande porte (permissionários de pessoas jurídicas) que se caracterizam pelo uso de tecnologia moderna emergente, capital intensivo, trabalho reduzido, organização em redes, emprego assalariado predominante, grande quantidade de estoques, preços fixos, cartão de crédito, margem de lucro elevada, relações impessoais com a clientela, custos fixos importantes, publicidade utilizada e rara reutilização de bens.

Da mesma forma, há na central de abastecimento do RN, predominantemente, empresas de médio e pequeno porte (permissionários de pessoas jurídicas), que se diferenciam das empresas de grande porte nos seguintes aspectos: uso de tecnologia moderna residual, capital reduzido, trabalho volumoso, organização simples, estoques em média quantidade, preços ao mesmo tempo fixos e submetidos a discussão, uso de cartão

de crédito e das próprias mercadorias como crédito, margem de lucro reduzida, a publicidade não é utilizada, e ocasionalmente reutiliza os bens.

Por fim, a Ceasa-RN se caracteriza pela existência de feirantes produtores e feirantes atravessadores (ambos permissionários de pessoas físicas) que se caracterizam pelo uso de tecnologia não moderna, capital reduzido, trabalho volumoso, organização simples, emprego assalariado não predominante, estoques em pequena quantidade, preços submetidos à discussão, uso exclusivo do dinheiro em espécie, margem de lucro reduzida, relações pessoais com a clientela, custos fixos não são importantes, a publicidade não é utilizada, e a reutilização dos bens é freqüente.

Quadro 01 – Características das centrais de abastecimento alimentar, enquanto agentes mistos dos circuitos da economia urbana.

Características	Agente misto dos circuitos da economia urbana (Centrais de abastecimento)		
	Empresas de grande porte (permissionários de pessoa jurídica)	Empresas de médio e pequeno porte (permissionários de pessoa jurídica)	Feirantes produtores e feirantes atravessadores (permissionários de pessoa física)
Tecnologia	Moderna emergente	Moderna residual	Não moderna
Capital	Volumoso	Reduzido	Reduzido
Trabalho	Reduzido	Volumoso	Volumoso
Organização	Em redes	Simple	Simple
Emprego assalariado	Predominante	Predominante	Não predominante
Estoques	Grande quantidade	Média quantidade	Pequena quantidade
Preços	Fixos	Simultaneamente fixos e submetidos à discussão	Submetidos a discussão
Crédito	Uso de cartões de crédito	Cartão de crédito e de mercadorias como crédito	Somente uso de dinheiro em espécie
Margem de lucro	Elevado no volume total	Reduzido no volume total	Reduzido no volume total
Relações com a clientela	Impessoal	Impessoal	Pessoal
Custos fixos	Importantes	Importantes	Não importantes
Publicidade	Utilizada	Não utilizada	Não utilizada
Reutilização dos bens	Raro	Ocasional	Frequente
Overhead capital /ajuda governamental	Indispensável	Indispensável	Indispensável
Dependência direta do exterior	Nula	Nula	Nula

Fonte: elaborada pelo autor, com base em Santos (1979) e nos trabalhos de campo.

As empresas de todos os portes e todos os tipos de feirantes recebem ajuda governamental. Só o fato de constituírem a central de abastecimento do RN, já os torna aptos a receberem auxílio do Estado. Nenhum desses agentes tem uma interação com o exterior. Essa constituição da Ceasa-RN, e das centrais de abastecimento alimentar em geral, por elementos do circuito superior e por elementos do circuito inferior, é que dá a especificidade para esse agente do abastecimento alimentar enquanto um agente misto dos circuitos da economia urbana.

Nesse contexto, os supermercados atacadistas se comportam como um elo entre o circuito superior e o circuito inferior da economia urbana (Xavier & Castillo, 2011). A Ceasa-RN, e as demais centrais de abastecimento, também se caracterizam enquanto elo entre os circuitos, na medida em que mantém relações com as grandes empresas do agronegócio, com o produtor agrícola descapitalizado, com as transportadoras e operadoras logísticas, com caminhoneiros e fretistas (Foto 02), com hipermercados e supermercados e com feiras livres e mercados públicos.



Foto 02 – Caminhões sendo descarregados na Ceasa-RN. Foto: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz, dezembro de 2013.

Para além dessas relações externas, a central de abastecimento do RN se caracteriza pela coexistência dos circuitos da economia urbana no interior de sua infraestrutura através da presença de empresas atacadistas de hortifrutigranjeiros de grande, médio e pequeno porte (Foto 03), através dos produtores e atravessadores (Foto 04), como também de carregadores² de mercadorias (Foto 05) que constituem essa instituição, fortalecendo a sua característica de um agente misto dos circuitos da economia urbana.



Foto 03 – Área das empresas – permissionários de pessoa jurídica – da Ceasa-RN. Foto: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz, dezembro de 2013.

Assim, de acordo com a Figura 02, as centrais de abastecimento são racionalizadas pelas grandes empresas do agronegócio e pelas firmas que propagam a modernização e a globalização. E, ao mesmo tempo, essas instituições tendem a racionalizar as atividades do circuito inferior da economia urbana, em especial as feiras livres e os mercados públicos, estabelecendo-se um acontecer hierárquico. Os entrepostos de abastecimento funcionam também como essa interconexão entre o campo e a cidade, entre a agricultura (seja no campo ou na cidade) e as atividades comerciais urbanas.

² Destaca-se a tese de doutorado de Sueli de Castro Gomes, intitulada “O território de trabalho dos carregadores piauienses no terminal da Ceagesp: modernização, mobilização e a migração”, do ano de 2007. Nessa tese, a autora evidencia a importância desses carregadores na história e na atualidade da central de abastecimento de São Paulo, assim como, a organização e participação do movimento político desses trabalhadores.



Foto 04 – Área dos feirantes produtores ou atravessadores – permissionários de pessoa física – da Ceasa-RN. Foto: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz, dezembro de 2013.



Foto 05 – Exemplo de um carregador de mercadoria da Ceasa-RN. Foto: Thiago Augusto Nogueira de Queiroz, dezembro de 2013.

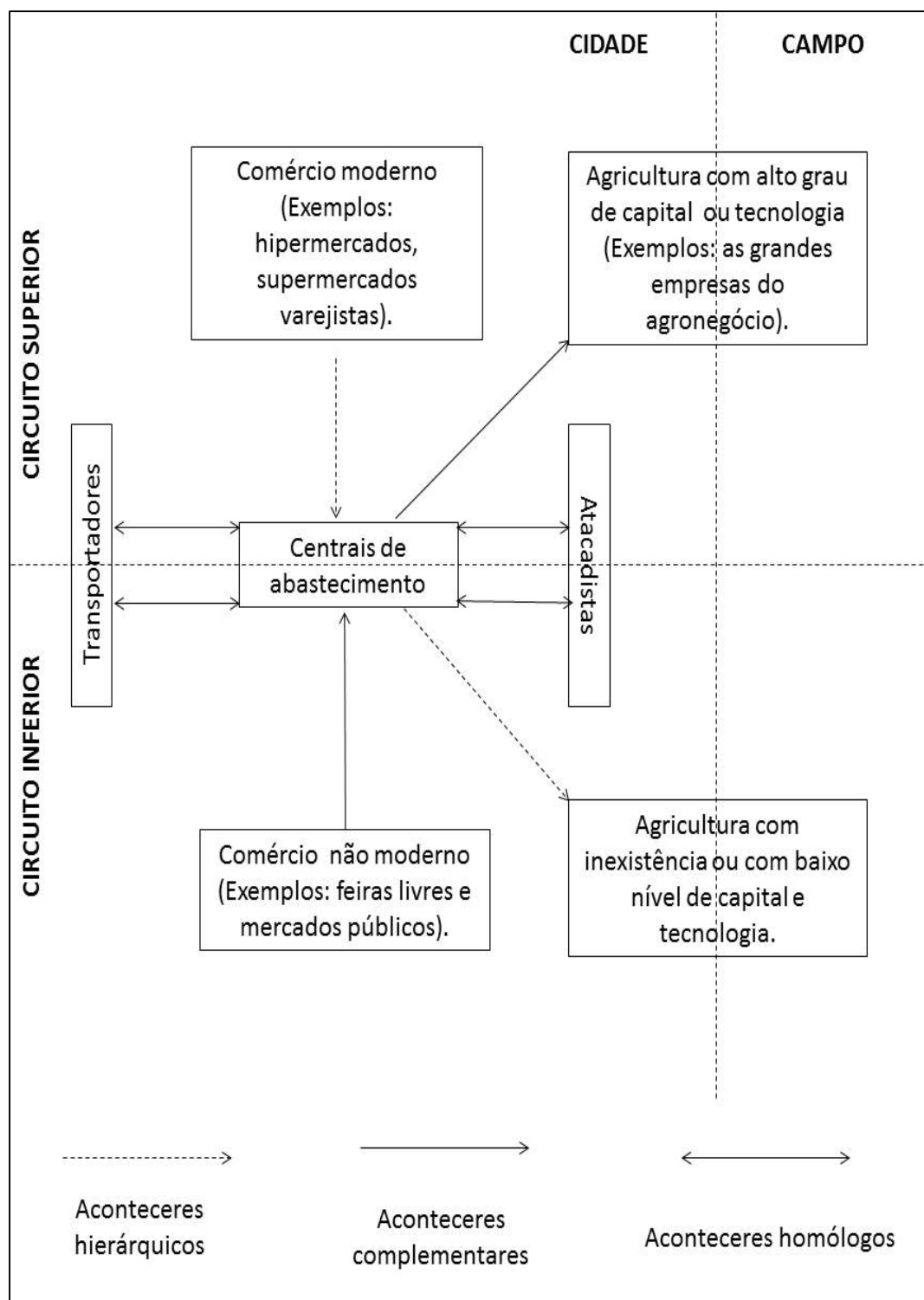


Figura 02 – As centrais de abastecimento e os elementos dos circuitos da economia urbana. Fonte: elaborada pelo autor, com base em Santos (1979) e nos trabalhos de campo.

Então, o produtor com baixo capital e os atravessadores complementam essas instituições, assim como, estas funcionam como um acontecer complementar para os hipermercados e supermercados que dependem desse conjunto de firmas atacadistas para o abastecimento alimentar, estabelecendo-se o acontecer complementar. Por último, há uma relação de reciprocidade, um acontecer homólogo, entre as centrais de abastecimento com os atacadistas que as constituem e os transportadores (caminhoneiros, empresas e operadores logísticos) que participam diretamente do (des)carregamento de produtos hortifrutigranjeiros, formando uma contigüidade funcional em uma área da cidade.

Por fim, pergunta-se se as centrais de abastecimento, a partir do que foi observado no entreposto do Rio Grande do Norte, podem ser caracterizadas como um agente misto dos circuitos da economia urbana, pois, como há uma indissociabilidade entre o circuito superior e o circuito inferior, praticamente as características de ambos os circuitos perpassam as firmas e as instituições nos países subdesenvolvidos, em especial no Brasil.

Porém, em cada firma ou elemento da economia urbana há uma predominância de características do circuito superior ou do circuito inferior, em termos de tecnologia, capital e organização. No caso das Ceasas, essa situação muda, pois, componentes dos dois circuitos a constituem não podendo ser caracterizada como pertencente a um ou outro circuito, na medida em que nas características de algumas empresas que delas fazem parte predomina o circuito superior e em outros casos predomina o circuito inferior.

Fugindo dessa lógica classificatória, as centrais de abastecimento se constituem internamente com características de ambos os circuitos, sem um predomínio evidente de um ou de outro, mas, a coexistência de ambos em uma mesma instituição ou infra-estrutura urbana.

Considerações Finais

Assim, a partir do que foi observado na Ceasa-RN, pode-se considerar que as centrais de abastecimento sofrem uma relação hierárquica do agronegócio, sendo uma infra-estrutura dirigida por esse segmento e que também sofre as conseqüências das determinações do preço dos produtos no mercado designados por esses agentes.

Da mesma forma, as centrais exercem sobre o circuito inferior da economia urbana uma relação hierárquica, pois elas determinam também o preço que os agentes do circuito inferior devem praticar, como também, em muitos casos, acabam determinando os produtos que são vendidos nas feiras livres, que são os agentes mais dependentes das centrais.

As centrais de abastecimento são complementadas em suas relações pela agricultura familiar (urbana ou rural) principalmente os produtores de hortaliças. Por outro lado as centrais estabelecem essa relação complementar com supermercados,

hipermercados e atacadistas, abastecendo esses últimos agentes, pertencentes ao circuito superior.

Por fim, as centrais de abastecimento mantêm uma relação homóloga e de reciprocidade com as transportadoras, com os atacadistas e com os feirantes permissionários que o constituem, pois, estes dependem das centrais e vice-versa.

Nesse contexto de interligar os fluxos entre os circuitos da economia urbana, as centrais de abastecimento, em especial a Ceasa-RN, podem ser caracterizados como um intermediário, ou seja, na base do circuito superior e no topo do circuito inferior, mas, indo além do papel de distribuidor atacadista, o intermediário promove uma gama de serviços para ambos os circuitos da economia urbana.

Porém, diferente de outros agentes intermediários, como os atacadistas e as transportadoras, que constituem um circuito superior misto, as centrais de abastecimento não só mantêm uma relação com ambos os circuitos, mas são constituídas em seus interstícios pelos dois circuitos da economia urbana. Isto é, são formadas simultaneamente pelo circuito superior, no caso de grandes e médias empresas que as formam, ou pelo circuito inferior, por exemplo, os feirantes permissionários e em alguns casos as cooperativas.

Essa constituição simultânea do circuito superior e do circuito inferior faz com que as centrais de abastecimento sejam classificadas não como um elemento do circuito superior “misto”, mas, como agentes mistos dos circuitos da economia urbana.

Observa-se que a Ceasa-RN é formada por empresas de grande e médio porte, por exemplo, a Uvifrios que atualmente se constitui em uma rede de distribuição de frutas, legumes e verduras no Rio Grande do Norte. Tal firma iniciou suas atividades com uma pequena loja na central de abastecimento do RN, e foi desenvolvendo e crescendo a ponto de formar uma rede estadual.

Este fato mostra a importância e o suporte que as centrais de abastecimento podem dar para a reprodução ampliada do capital das empresas que delas fazem parte. Além dessa empresa, destacam-se a Casa do Milho, o Paraíso das Bananas, e a GJ de Medeiros que distribuem para os principais supermercados, hipermercados e atacadistas da cidade de Natal. Por outro lado a Ceasa-RN também é formada pelos permissionários de pessoa física, os feirantes produtores ou atravessadores.

As centrais de abastecimento, agentes mistos dos circuitos, diferenciam-se também dos supermercados atacadistas, agentes do circuito superior misto, no que diz respeito a forma de operação. Estes são do tipo de autosserviço no atacado e no varejo, enquanto as centrais além de ter empresas que praticam o autosserviço também há também empresas do tipo tradicional, do tipo balcão, e os permissionários feirantes.

Em relação ao nível de capital, tecnologia e alcance territorial, as centrais de abastecimento como um todo, entendidas enquanto um sistema interligado de centrais, principalmente através das redes de comunicação e informação, são classificadas como sendo instituições do macrocircuito, ou seja, com uma escala de atuação nacional.

Cada central terá um comportamento diferenciado e específico, por exemplo, a Ceasa-RN pode ser classificada, em relação à distribuição, como um conjunto de atacadistas pertencentes ao microcircuito, pois, seu alcance de atuação restringe-se praticamente ao estado do Rio Grande do Norte, especificamente a cidade de Natal e sua Região Metropolitana.

Porém, considerando-se a origem dos produtos comercializados na Ceasa-RN, esta pertence ao macrocircuito e ao mesocircuito, visto que agrega em um só lugar mercadorias produzidas em diversas áreas agrícolas do Brasil, com maior intensidade a produção da região Nordeste, com destaque para os estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Portanto, as centrais de abastecimento devem ser pensadas, planejadas, a partir da perspectiva territorial, ou seja, considerando os processos do espaço geográfico mundial, o período técnico-científico-informacional, a formação territorial brasileira, o alargamento das escalas provocado por esses agentes, as relações hierárquicas, homólogas e complementares com os circuitos da economia urbana.

Enfim, considerando as centrais de abastecimento como um agente misto dos circuitos da economia urbana, uma instituição formada pelo circuito superior e pelo circuito inferior, uma infraestrutura de conflitos e interesses econômicos e políticos de diversos agentes.

Referências

GOMES, Sueli de Castro. **O território de trabalho dos carregadores piauienses no terminal da Ceagesp: modernização, mobilização e a migração.** Tese de doutorado (Geografia). São Paulo: USP, 2007.

MONTENEGRO, Marina Regitz. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano: o circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém.** Tese de doutorado (Geografia). São Paulo: Usp, 2011.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco.** São Paulo: Boitempo, 2003.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. **A natureza do espaço.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

XAVIER, Marcos Antonio de Moraes. **Os elos entre os circuitos da economia urbana brasileira no atual período: os atacadistas distribuidores e seu papel intermediador.** Tese de doutorado (Geografia). Campinas: Unicamp, 2009.

_____; CASTILLO, Ricardo. *A reprodução do atacado distribuidor como um elo entre os dois circuitos da economia urbana no Brasil.* **GeoUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 29, p. 3-17, 2011.

Recebido em Maio de 2014.

Publicado em Junho de 2015.